

São Paulo, domingo, 11 de setembro de 1977

FOLHETIM

Não pode ser vendido separadamente

34



CHICO O CIO DA TERRA

CHICO

Nunca vi o Chico tão falante. Nem li uma entrevista sua onde ele estivesse tão aberto. Quem já o entrevistou sabe disso, a gente faz uma pergunta e pensa que o Chico vai deslanchar na resposta. Mas de repente ele pára no meio e é preciso ficar puxando o assunto para se conseguir uma lauda de texto no jornal. Quando faz letra de música, vai longe. Mas pra falar, não é fácil.

Nesta entrevista a Tarso de Castro ele foi, para dizer o mínimo, diferente. Vocês vão ver por quê. Chico vai contar, por exemplo, que quando era pequeno comungava todos os dias e, mais tarde, chegou a pertencer a um grupo chamado "ultra montanos", ligado à igreja conservadora.

Sua carolice era tanta que o próprio Sérgio Buarque de Hollanda, pai, mandou-o de castigo para um colégio interno em Minas. Não vou desmerecer os outros entrevistadores de Chico, mas o Tarso e ele só não são parceiros em sambas porque — acredito — o amigo felizmente não entende dessas coisas.

Aqui, encontramos um Chico à vontade. Contando que, quando era rapazinho, sonhava ser cantor de rádio e imitava a voz de João Gilberto: só que a voz, pasmem, saia como a de Juca Chaves.

Mais adiante, muito sério, ele fala de seus problemas com a Censura, dos direitos autorais que não recebeu e de política. Inclusive dos candidatos do MDB que apoiou. Enfim, a entrevista inteira está aí.

DIRCEU SOARES

O Cio da Terra

(Milton Nascimento — Chico Buarque)

Debulhar o trigo
recolher cada bago do trigo
forjar no trigo o milagre do pão
e se fartar de pão

Decepar a cana
recolher a garapa da cana
roubar da cana a doçura do mel
se lambuzar de mel

Afagar a terra
conhecer os desejos da terra
cio da terra, a propícia estação
e fecundar o chão

Tarso — Eu conheço demais você. então é uma loucura te entrevistar. Mas, vamos começar por besteira mesmo. Por exemplo, essa sua timidez. Ontem a gente estava no "Antonios", e quando você saiu de lá toda o mundo dizia assim: "Eu sempre soube que o Chico era muito tímido, e, ele ficou de porre cantando coisa aí".

CHICO — De porre cantando o quê?

Tarso (Cantando) — "O prédio tem um tédio, não sei mais o quê? Então, é o seguinte: eu queria saber de onde é que surgiu essa história de timidez. Ou se foi você mesmo quem criou um pouco dessa história de timidez."

CHICO — Não, não criei nada de timidez, eu sou realmente um pouco tímido.

Tarso — Isso é mentira. (risos)

CHICO — É verdade (risos). Não,

no primeiro contato com gente que eu não conheço e tal eu não fico muito à vontade. Isso é verdade. Mas o negócio de timidez que apareceu era um negócio de palco mesmo, porque aí existe, né? E também não é timidez, é falta de graça mesmo, de estar lá no palco, entende? É claro que um pouco por causa da Bossa-Nova, negócio de banquinho e violão, João Gilberto e tal, que esse negócio passou até a ser aceito. O sujeito não era obrigado a dançar, a usar roupas extravagantes, a se exibir.

Tarso — Mas você atualmente está dançando...

CHICO — Eu? (risos) Mas eu danço muito mal. Não sou dançarino, não tenho muita cintura pra esse negócio. Agora, isso se cristalizou um pouco, numa determinada faixa de músicos. Houve uma época em que as pessoas encaravam com estranheza gente assim

como os baianos, né? Como o Caetano e Gil que, de repente, começaram a usar fantasias, a cantar e rebolar coisa que sempre fez parte da tradição de auditório brasileiro na antiga Rádio Nacional, Blecaute, Marlene, Cauby Peixoto e tudo o mais. Já com a Bossa Nova, parece que ficou de bom-tom o sujeito ser tímido e simplesmente pegar o seu violão e cantar, em geral num tom intimista e tal. Eu entrei um pouquinho nesse barco. Prá mim era muito favorável, porque até hoje se quisesse dançar eu não saberia. Também não saberia botar uma roupa daquelas. As roupas que eu ponho são as roupas que eu uso normalmente. Tanto que quando encontro o Tom eu canto: "Meu consolo é você" porque ele usa bermuda com sandália e meia... Eu realmente sou um pouco displicente com esse negócio e tal e não saberia dançar

bem. Assim, eu aproveitei, sem querer, um pouquinho essa porta aí do modelo do sujeito tímido, que chega com seu violão, canta e pronto. Agora, é claro que eu não inventei isso. Isso foi o modelo que se adequava ao meu temperamento. Não pense que eu gostaria muito de estar dançando, vestindo roupas coloridas e, na hora eu estivesse travestido de homem tímido, vestido normalmente e tal. Isso não é verdade.

Tarso — Mas, vem cá, você gostaria um pouco de dançar como Fred Astaire, né?

CHICO — Bom, eu tentei... (risos) Quando fiz o filme eu pensei que fosse receber alguma indicação por Oscar ou coisa parecida, como bailarino, mas surpreendentemente isso não aconteceu. (risos)

Tarso — O que é que você achou de você como ator em "E Quando o Car-

naval Chegar"?

CHICO — Péssimo. É, sou péssimo ator, também.

Tarso — Aquela voltinha que você dá no Hotel, já lá em Petrópolis aquela voltinha foi triste (risos).

CHICO — Tem uma cena ali que eu gosto, realmente, e nela parece que eu sou um bom ator. Quando eu vi fiquei surpreso. É uma cena que eu acho que o Cacá pegou do lixo. Eu acho que nessa cena eu estava distraído pensando outra coisa. Parece que eu estou triste, assim, olhando pro infinito, na praia uma cena lá no fim, que realmente estava bacana. Só que a minha intenção não era essa, não fiz a cena com a idéia de estar olhando pro infinito não. Eu estava olhando pro céu e pensando que estava na hora de ir embora. Fiquei com a cara natural. É a única cena que eu acho que está natural dentro do fil-

me inteiro.

Tarso — Mas me diga uma coisa, sem sacanagem agora. Acho que isso aconteceu com todo mundo: eu, por exemplo, quando estou sozinho, começo a cantar prá mim e me acho com uma voz perfeita (risos) me acho um grande cantor. Agora, quem sabe você não se acha um grande ator, mal aproveitado?

CHICO — Sim. Isso acontece. Inclusive, quando eu estava filmando, cheguei a ter essa ilusão. Agora, quando está cantando e acha que está cantando bem, você devia usar o gravador. No dia seguinte, sóbrio, você ouve. Foi isso o que aconteceu com o filme. Um mês depois eu fui ver a realidade.

Tarso — E foi uma realidade chocante?

CHICO — Foi.
Tarso — Você, no começo de sua

carreira imitou um pouco o João Gilberto. Quer dizer, imitou não, você teve uma influência muito forte do João Gilberto, não foi?

CHICO — Não, eu imitei mesmo. Só imitava. Só fazia músicas, querendo imitar João Gilberto. E mal. Eu queria era fazer Bossa-Nova. Eu me lembro que numa das primeiras vezes que eu fui cantar em público, eu fui parar num auditório da Rádio América, que ficava ali, onde é hoje o Conjunto Zarvos, eu acho que era por ali, num programa de auditório, que era programa de rádio ao vivo. Aí eu cheguei, entrei e os primeiros acordes que eu dei, a primeira vez que eu emiti a voz assim em público, um gaiato lá do fundo da platéia gritou: "Juca Chaves". Eu fiquei aborrecido porque eu queria imitar o João Gilberto e não o Juca Chaves. Eu não imitava direito. Quan-

Chico com Marieta Severo, em tempos de exílio.

do eu comecei a pegar violão, tentar tocar violão, eu e um amigo meu, a gente aprendeu de ouvido mesmo, de disco. Não foi nem de olho, era tentando imitar João Gilberto, imitar as músicas de Tom e imitar as letras de Vinícius.

Tarso — Você não estudou música em criança, estudou?

CHICO — Não.

Tarso — Você esteve na Faculdade de Arquitetura, onde você não conseguia fazer uma reta, segundo o teu pai mesmo disse. Mas como é que surgiu o negócio da música? Hoje, você lê música, por exemplo?

CHICO — Não. Eu aprendi um pouquinho de música e li muito mal. E lá por volta de 1967/68, foi uma época que eu me interessei muito por música, porque eu queria aprender mesmo. Aprendi alguma coisa. Agora,



“Tem mais samba no homem que trabalha/ Tem mais samba no som que vem da rua”.

“Eu não sei se por ironia ou por amor/ Resolveu me chamar com o nome de Nosso Senhor”

“A gente vai contra a corrente até não poder resistir”

leitura, confesso que leio mal, não é o essencial pra mim. O mais importante é conhecer o meu instrumento, não é? Assim, o violão que eu tocava até 67/68, isto é, bem no começo mesmo, no tempo de “Pedro Pedreiro”, “A Banda”, e tal, era bem pior.

Tarso — Qual foi mesmo a tua primeira música, a primeira mesmo?

CHICO — Eram essas músicas que eu te falei, Tarso, que nem lembro mais. Felizmente. Essas músicas eu fazia tentando imitar a Bossa-Nova. Mas eu, desde garoto, mesmo sem violão, aquela coisa, fazia paródia de música de Carnaval, aquelas coisas e tal. Eu sempre fui muito ligado à música. Eu gostava e tinha idéia de ser cantor de rádio, cantava atrás da porta. Não a música “Atrás da Porta”: eu ficava atrás da porta e, não por timidez, mas pra parecer rádio, né, porque não tinha televisão. Parecia que estava saindo a voz do rádio do outro lado.

Tarso: Mas você já cantava música sua?

CHICO — Eu inventava música, assim como escrevia, fazia versinho, jornal de colégio, e tal, fazia umas coisas assim. Mas, pra valer mesmo, achando que estava fazendo, só aconteceu quando peguei o violão. É muito difícil ser compositor, na caixinha de fósforo, porque sempre é uma coisa que limita e limita bastante. Eu comecei a pegar o violão, foi com o negócio de Bossa-Nova e aí eu fiz as primeiras músicas. Muito por incapacidade também de não saber fazer e querer fazer. Queria fazer igual à “Insensatez”, vamos dizer, e saiu uma outra “Insensatez” (risos). Um troço insensato à beça. Eram músicas que apareciam, assim. Eu já esqueci e tal. Aí, quando falam, a primeira música, mesmo pra valer e que foi gravada, foi o “Sonho de Carnaval”. Passou pelo Festival, o Vandré cantou. “Sonho de Carnaval” e “Pedro Pedreiro”.

Tarso — Vocês se reuniam num bar ali perto da Faculdade, né? Era o Toquinho, você, qual é o primeiro grupo de músicos que estava com vocês?

CHICO — O bar, pra falar a verdade, era dentro da Faculdade. Era no porão, onde era o grêmio. A gente levava garrafa de cachaça. Depois se estendeu lá pra Quitanda. A Quitanda era uma quitanda que fazia batidinha de frutas e depois virou um bar. E o grupo lá na Faculdade não era assim de músicos, não. Era pessoal que se reunia pra beber mesmo e cantar músicas de outras pessoas e músicas que todo o mundo cantasse juntos. Eram músicas de Carnaval, ou aquelas músicas, como os primeiros sambas de Badden e Vinícius. Mais que Bossa-Nova. Já tinha passado um pouquinho o meu embalo pessoal pela Bossa-Nova, entendeu? Era um negócio de todo o mundo cantar junto. Vamos cantar e tal, todo mundo tinha que cantar, coisa pra fora, não podia ser um negócio naquela base assim muito intimista.

Tarso — O João Gilberto já era teu cunhado?

CHICO — Não.

Tarso — O Vinícius frequentava a tua casa?

CHICO — Bom, o Vinícius eu já conhecia de muito tempo. O Vinícius é de 52, 53. Eu era garoto, 8 anos, quando o Vinícius já aparecia de noite em casa. Me mandavam pra cama e tal, eu ficava escondido na escada ouvindo. Eu tinha fascinação pelo Vinícius, aquelas músicas, as primeiras músicas do Vinícius. Isso é muito anterior. Anterior à Bossa-Nova, inclusive.

Tarso — Nessa época você estava em dúvida se seria craque de futebol ou músico, né? Porque você tem mania, joga mal pra burro e acha que é craque de futebol. (risos).

CHICO — Não, eu não acho que seja craque de futebol. Já fui um futuro craque de futebol, mas fui desviado da carreira.

Tarso — Vamos voltar para aquele barzinho. Quem é que aparecia, quem é que sobrou daquele bar?

CHICO — Não, o bar era um negócio de pessoal da Faculdade mesmo, não era um negócio profissional, como falam.

Tarso — Mas quem foi o primeiro a trabalhar com você, foi o Toquinho mesmo?

CHICO — Não. Ele veio depois. Quando começou o negócio de fazer música e tal, apareceu a possibilidade de fazer a primeira parte de um show de Bossa-Nova, que havia na Faculdade. Aí era Toquinho, era Taiguara, era a Ivette, era uma moça chamada Maria Lúcia, pessoal assim. Mas isso não tem nada a ver muito com a Faculdade não.

Tarso — Ah, por falar em Faculdade, tem uma lenda aí, que eu sei que é mentira, mas em todo o caso é bom falar e sei que você até se irrita. É aquele negócio assim: “velho companheiro de Mackenzie”? De onde é que surgiu isso de que você era um homem do Mackenzie?

CHICO — Não, eu nunca estudei lá. A única coisa que eu fazia no Mackenzie é que era caminho da quitanda.

Tarso — Você não foi do Mackenzie?

CHICO — Não, eu era da FAU. Eu tenho, aliás, o orgulho de ter sido o único sujeito na minha turma que foi aprovado na FAU e reprovado no Mackenzie. Na época, a gente fazia o vestibular nas duas Faculdades, mas, é claro, querendo passar na FAU porque além de ser considerada a melhor, era gratuita. Mesmo assim, o sujeito fazia o Mackenzie por via das dúvidas. Pelo Mackenzie eu só passava no caminho da quitanda, justamente, porque tinha, no banheiro, um jogo de crepe. Jogava-se muito crepe — seven, eleven, não é? — então o Mackenzie era isso. E o Mackenzie ficou sendo depois um lugar onde havia shows de Bossa-Nova e onde eu cantei algumas vezes na primeira parte. Mas não tem nada a ver com estudo. É dado e samba.

Tarso — Agora, tem outra coisa que é bom esclarecer. Tem ainda muita gente que pensa um negócio, que eu também sei que não é verdade. Dizem: “O Chico foi ligado — como é que chama essa organização de direita aí? — à TFP”. Ou então: “o Chico, quando era jovem, era TFP”. Eu sei que foi um professor de vocês, mas é bom esclarecer essas coisas.

CHICO — Eu já esclareci isso em entrevistas e tal. Eu era muito católico. Tenho formação católica e, inclusive, confesso que devo muito a um certo tipo de formação cristã progressista que marcou um pouco minha juventude. Agora, isso não tem nada a ver com cristão-progressista. Isso foi um episódio, quando eu tinha meus 14 ou 15 anos. Havia um grupo chamado “ultra montanos”, de igreja conservadora mesmo. Ele podia se identificar hoje com esse bispo Lefebvre e tal. E havia um professor que, junto com alguns alunos, fazia esse movimento. Inclusive esse professor saiu desse negócio.

Tarso — Como ele se chama?

CHICO — Não, não vou dar o nome dele. Ele não tem nada mais a ver com



Em 65, tempo de Pedro Pedreiro e “Sonho de um Carnaval”

isso. Esses leigos católicos, ultracatólicos, ultramontanos, mais tarde fundaram esse negócio de TFP. Agora, tenho que te dizer o seguinte: na época não havia nem política nisso. Menor de 14 anos, nem está ligado nisso, né? O negócio era religioso. Então a gente, o que é que fazia? Comungava todos os dias. Então, os pais começaram a estranhar...

Tarso — Você comungava todos os dias?

CHICO — Comungava todos os dias. Parei de jogar futebol, foi aí que trunquei a minha carreira de futebolista. Com 14 anos o sujeito estaria se encaminhando pra ser juvenil do Fluminense. Na época, eu morava em São Paulo, seria juvenil do São Paulo, quem sabe, ou uma coisa assim. Aí o garoto pára de jogar futebol, começa a ficar lendo uma porção de coisa e comungando todos os dias e tal. Isso aconteceu até que os pais foram achando estranho, porque gostam que o filho seja bom aluno, seja comportado, mas não tanto, né? Aí desconfiam e tal. Isso durou alguns meses, até fui mandado pra Cataguases, em Minas, de castigo.

Tarso — E, porque o Sérgio parece que mandava todo o mundo pra Europa, né? (risos), quando se irritava.

CHICO — Aí, foi isso. Fui pro colégio interno e tal e passou. Agora, isso de dizer que foi TFP é um pouquinho puxado. E se tivesse sido, também, não teria preocupação de negar, entende? Agora, voltando ao negócio, estudei em escola de padre e tudo. Também não tenho vergonha de dizer isso, porque, inclusive, encontrei lá nessa escola um padre que me marcou muito em termos de conhecer miséria mesmo, entende? Era um negócio que hoje a gente olha de outro ponto-de-vis-

ta e tal e até acha muito ingênuo. Mas pra formação de um cara, assim, de um garoto, achei até que foi um negócio muito importante. Então, tinha um negócio chamado OAF — não sei se existe ainda — Organização de Auxílio Fraternal. A gente ia de noite, assim um grupo pequeno, com umas Kombis, à Estação da Luz, levar cobertor. A gente olha hoje e pode achar até uma bobagem. Mas pra um cara como eu que morava ali no que seria Zona Sul de São Paulo, aliás, por coincidência também zona sul, e que estudou em colégio de menino rico, de repente ter essa missão, duas vezes por semana, era muito importante. Então a gente ia, chegava com aqueles cobertores e o pessoal, os mendigos, fugiam apavorados.

Tarso — Como é que é? fugiam apavorados?

CHICO — É claro. Você chegava com cobertor, eles desconfiavam. Tem um ditado que diz: “Esmola” — não sei como é, tem um negócio assim que não lembro, mas realmente, fugiam mesmo. A gente, então, tinha que ir lá convencer e tal. Hoje não sou mais nada: não sou católico, não sou cristão, nem nada. Mas eu acho que devo um bocadinho a essa experiência, entende? Ela, pelo menos, me abriu os olhos para esse negócio, porque, normalmente, eu não estaria vendo nada disso. A gente está protegido, né? Aqui, no Rio ou em São Paulo, o sujeito mora no bairro tal ou estuda no colégio tal. Seus amigos são filhos de família e a tendência é ir pra escola, pra uma faculdade, se formar e tal e não ter esse contato direto. E esse contato direto que eu tive naquela época, eu procuro ter sempre. Inclusive, eu comecei a gostar de mantê-los, entende? De conhecer, de ver essa gente, de conversar. Quando eles não fogem. Em geral eles fogem.

“Agonizou no meio do passeio público/ Morreu na contramão atrapalhando o tráfego”

“Levou seu retrato, seu trapo, seu prato/ Que papel!

“E agora, velho/ O que é que eu digo ao povo/ O que é que tem de novo/ Pra deixar/ Nada”



Em novembro de 66, a consagração: lançando a "Banda" em Curitiba

Tarso — A minha posição sempre foi um pouco anticatólica, embora eu seja de família católica, porque no tempo de estudante a gente tinha posições claras, de exigir uma série de coisas e, no Rio Grande, que é onde se concentra o maior reacionarismo à Igreja católica, eles eram inimigos nossos. Tanto que a gente se aliou com um grupo parecido com o do Mackenzie, que é a mesma cadeia, né? o Mackenzie, IPA, IE, quer dizer, uma cadeia americana de colégios. Mas hoje eu tenho uma visão boa da Igreja Católica, principalmente com dom Paulo, em São Paulo. Qual é a sua visão da Igreja Católica hoje, mesmo estando desligado religiosamente?

CHICO — Não, eu não sou mais ligado. Eu passei até por uma fase de anticlericalismo brutal porque, quando saí daquele negócio e fui pra Faculdade, parei de ver padre na minha frente e comecei a ter algumas outras experiências. Depois, com o tempo, a gente vai fazendo a média. Por exemplo, se eu tivesse estudado num colégio de padres samaritanos...

Tarso — Maristas.

CHICO — É, maristas, não sei o que, tenho certeza que eu teria me machucado muito mais.

Tarso — Eram jesuítas?

CHICO — Não, não eram. Os jesuítas eram do Colégio São Luís e tal. Era inclusive muito ligado a esse pessoal que eu te falei agora, os "ultramontanos". Eu devo dizer também que esse caso, que aconteceu nessa escola, quando eles souberam do que se tratava, eles frearam na hora, inclusive, houve demissões e tal, quer dizer, padres progressistas, entende?, que a gente pode identificar hoje com a linha de pensamento progressista como de dom Paulo, dom Helder. E padres por quem eu tenho a maior admiração. Ou leigos mesmos, como Alceu Amoroso Lima.

Tarso — Voltando a falar de música, tem muito jovem que é promessa há 10 anos, essas coisas, sem conseguir um caminho pra trabalhar, né? Como é que você conseguiu começar a gravar, começar a trabalhar?

CHICO — Bom, demorou menos de 10 anos, mas também não foi assim da noite pro dia não. Agora, vou te dizer: se eu tivesse gravado antes teria gravado muita coisa ruim. No começo, apareceram promessas frustradas de gravações. Havia um disco que a gente ia gravar na "Elenco", do Aluísio que era o máximo na época, era justamente o Toquinho...

Tarso — Capa branca.

CHICO — É, o Capa Branca. Coisa assim que furava na última hora. Outro disco com o Scatena, que na época em São Paulo tinha negócio de disco e tal, também furou. Bom, aí o primeiro disco surgiu por causa da televisão. Na época, a TV-Record, lá em São Paulo.

Tarso — Foi a partir do Festival?

CHICO — Não, antes mesmo do Festival. Programas, tipo Fino da Bossa e antes, um programa que eu não lembro, acho que chamava Primeira Audição. Tinha um pessoal lá que fazia isso: João Leão, Horácio Berlinck e tal, que era uma espécie de vestibular pra o Fino da Bossa, que a gente podia aparecer. Havia uma efervescência muito grande nesse meio, entende? Meio universitário, em todos os campos, não só na música. E a televisão, na época a TV-Record, teve a sensibilidade de pegar esse pessoal, aproveitar e botar no programa. Não havia, claro, a máquina que existe hoje na televisão, que tem um centro de irradiação, que manda o que quer pelo Brasil inteiro.

Tarso — Você está falando da Globo?

CHICO — Estou falando da Globo, é claro. Naquela época, o que estava acontecendo em São Paulo podia estar

acontecendo diretamente em Curitiba, na Bahia, em Fortaleza, vamos dizer, e as televisões locais tinham um pouco mais de autonomia pra pegar e botar no ar o que estava acontecendo em termos de movimento cultural. Então, no caso da música, eles faziam os programas com a gente. Acho que hoje seria impossível, entende? Pode, neste momento, estar aparecendo lá em Fortaleza, por exemplo, um grupo novo, como era o nosso naquela época. Só que a televisão local, no lugar deles vai botar Kojak, entende? Não vai dar chance desse pessoal aparecer. O que vai acontecer? Esses caras, depois de 1 ou 2 anos, vão desistir. É evidente, como eu desistiria, por exemplo. Os que não desistem, vão tocar em boates, vão levar a vida de músico, uma vida muito amarga. E não vão se afirmar, vai ser muito difícil. Ou então vão levar 10 anos para aparecer como revelação. Como o que está acontecendo agora. Volta e meia aparece. O Belchior, o sucesso de Belchior! Só que ele está há 10 anos batendo nesse negócio, não é um garoto que apareceu agora. Ele podia ter aparecido há mais tempo. Então, a televisão tinha esse espaço. Tinha essa janela, para pôr o negócio que estava acontecendo na época. E estava acontecendo muita coisa. Borbulhava o negócio dentro do ambiente universitário, então isso é evidente, não é? Na música, no teatro, no cinema. E havia oportunidade desse pessoal aparecer, então, a gente começou a aparecer aí, quer dizer, então, depois que eu comecei a cantar nesses shows e fazer alguns bicos já no Fino da Bossa, graças ao Manoel Carlos, e tal é que uma gravadora de São Paulo, a RGE, se interessou em gravar o meu disco. Ao mesmo tempo, apareceu o Festival da TV-Excelsior, que eu coloquei essa música "Sonho de Carnaval" que o Vandrê cantou e tal, ela se classificou.

Tarso — O Vandrê cantou, é?

CHICO — O Geraldo Vandré cantou.

Tarso — Mas você, nessa época, não se achava cantor?

CHICO — Não. Nunca me achei cantor, nem estava pensando nisso, sabe? Outro dia eu estava lembrando com a Nara, como foi quando eu mostrei pra ela as minhas músicas. Eu estava muito contente que a Nara ia gravar três músicas no LP dela. Ao mesmo tempo, apareceu essa oportunidade de gravar esse compacto na RGE, fui lá e gravei, claro.

Tarso — Aliás, a Elis numa entrevista disse que você, um dia, foi à casa dela e mostrou-lhe todas as músicas. Ela não entendeu e daí a Nara aproveitou e pegou.

CHICO — Não. Eu não me lembro de ter mostrado pra Elis. Mas mostrei pra muita gente, é capaz de ter mostrado sim. Eu lembro uma vez de ter mostrado na casa do Pedrinho Mattar. Eu ia lá, é claro que eu não ia sozinho, porque como você sabe eu sou um tímido (risos).

Tarso — É mentira. Registre-se (risos).

CHICO — Eu ia com o meu pessoal, o pessoal da FAU e tal. A genti ia, saía da Quitanda já meio menos tímido e ia pra casa de alguém, como a do Pedrinho Mattar que eu estava contando, pra mostrar as músicas. Acontecia. Pode ser até que eu tenha mostrado pra Elis.

Tarso — Você morava em São Paulo nessa época?

CHICO — Morava.

Tarso — Vem cá, eu sei que não tem muita resposta pra isso, mas é um negócio curioso: o que tanta gente de música vê na Arquitetura? Qual é o negócio que existe numa Faculdade de Arquitetura que conduz à música? Há um grupo de músicos que saiu da Arquitetura. Você, por exemplo. Qual foi o processo?

CHICO — É, não sei também. Já indaguei, já falei com o Tom sobre isso. Somos um grupo, não? As pessoas isoladas de outras Faculdades, de outras épocas, que saíram da Arquitetura, pra música: Tom Jobim, Carlinhos Lyra, Billy Blanco, uma porção de gente mesmo. O Maurício Tapajóz, eu não sei não. Não sei fazer a ligação. Depois, eu nunca me senti um arquiteto, mesmo estudando arquitetura. E eu nunca fui, nunca seria um arquiteto.

Tarso — Aliás, você parece que é mesmo um fracasso na Arquitetura.

CHICO — Eu era um fracasso, mas podia me formar direitinho. Passei o primeiro ano inteiro, o segundo eu passei com umas dependências, no terceiro é que eu chutei pro alto.

Tarso — Você tinha um ponto de reunião. Todo mundo tinha ponto de reunião quando o diretório era livre mesmo. Então você não acha que, a partir disso, havia uma formação política, uma formação cultural e musical pra todo mundo?

CHICO — É evidente. É uma coisa que não pode ser desligada da outra. Quer dizer, você está se formando lá, você é um sujeito de 20 anos, que está se formando para — bem ou mal — enfrentar essa barra aí e nisso, a formação, a discussão política, tem um papel importantíssimo, não pode mesmo excluir, entende?

Tarso — Pra você, qual foi a influência direta do diretório, tanto musical quanto politicamente, no seu caso pessoal?

CHICO — As duas coisas eram muito ligadas. A importância que teve pra mim foi a discussão política mes-

“Uns dias chove, noutros dias bate sol/Mas quero lhe dizer que a coisa aqui tá preta”

“Vem, mas vem sem fantasia/Que da noite pro dia/Você não vai crescer”

“Amanhã tudo volta ao normal/Deixa a festa acabar/Deixa o barco correr/Deixa o dia raiar”

mo. Havia diversas tendências lá e a gente se preocupava com isso. Eu nunca fui um sujeito ligado demais em política e tal, mas também não era desligado. Eu era ligado, mas não era uma coisa tão importante, prá mim. Mas, acho que é importante que haja essa discussão política enquanto a gente é moço, sabe? Porque se não depois não vai pegar mesmo. E você excluir isso da cabeça do sujeito é a mesma coisa que proibir a música, proibir o teatro, proibir a leitura, proibir o futebol, entende? Então, eu acho que corre perigo de estar aí se formando umas gerações com um pedaço a menos da cabeça. Era isso. Assim, eu discutia, não pertencia a nenhum grupo específico. Aliás, eu conversava com gente das tendências mais diversas. Era um pouquinho gozador também. Mas de qualquer maneira, aquilo fazia parte da minha vida. E 64 foi um baque mesmo, né? Realmente aí deu uma certa descrença nisso tudo, por algum tempo, por alguns anos, principalmente a decepção que a gente sentiu quando percebeu que não houve reação nenhuma. Então, a gente percebeu que estava sendo iludido o tempo todo e não estava sentindo.

Tarso — Logo depois disso você se desligou da Faculdade ou levou algum tempo?

CHICO — É, porque com 1964, além de tudo, a faculdade, que prá mim já não era muito atraente como perspectiva de profissão, começou a ficar uma chatice. Aí mudou tudo, né? Fecharam o grêmio e começou a haver uma série de restrições dentro da Faculdade também. Claro. Começou a haver uma série de restrições no País inteiro. E isso, dentro da Faculdade, ficou chato. Aí é que eu comecei a sair.

Tarso — Mas mesmo no grupo musical houve assim, como é que se diz?, corte de gente? Nesse grupo ao qual você pertencia nessa ocasião? Porque muita gente se afastou nessa época da faculdade, reprimido, preso, não sei o quê. No seu grupo mesmo aconteceu isso?

CHICO — Não, porque nessa época esse grupo que você fala não existia, pelo menos não existia profissionalmente.

Tarso — Não, eu digo, esse grupo que funcionava como música, prá se reunir e coisa?

CHICO — Bom, eu fui me afastando um pouquinho desse grupo e, quer dizer, da faculdade, né? Fui me desinteressando. É o que eu estou falando. Porque, no fim, o que me prendia lá não era o estudo da Arquitetura, mas esse lado, esse outro lado de que eu falei...

Tarso — Era a reunião mesmo...

CHICO — A reunião da brincadeira, da cachaça e da música e, daí, a discussão mesmo e o contato com as pessoas...

Tarso — Existia a liberdade...

CHICO — E então o pessoal que era essa e daquela tendência... você discutia com este, com aquele e tal e havia... Isso é um troço vibrante, né? De repente parou de haver. Então, prá mim, pessoalmente, perdeu todo o interesse. A não ser se eu estivesse dedicado a estudar Arquitetura mesmo eu continuasse lá e me formasse. Mas, esse outro lado todo, que é o complemento da formação que em qualquer faculdade deve ter, acabou. Eu desisti. Aí virou aquele negócio, estudante estuda, né? Eu já não estudava (risos), então ficou ruço pro meu lado.

Tarso — Mas, passado esses anos em que a gente esteve percorrendo o país juntos e tinha um negócio meio chato

de estudantes exigindo coisas, quer dizer, definições que não tinham nada a ver com nada, hoje, no seu contato com estudantes, qual é a sua impressão? Quando você vai ao Interior, sua impressão é a de que o estudante brasileiro está mais consciente?

CHICO — Bom, eu não estou mais indo. Não tenho mais feito shows.

Tarso — Mas você é muito procurado por estudantes.

CHICO — Sim, mas não pra fazer show.

Tarso — Pra conversar mesmo...

CHICO — Eu estou achando que já agora, nestes dois últimos anos, está aparecendo gente, né? Estudantes muito mais conscientes, muito mais maduros do que há cinco anos atrás, quando era uma inércia, entende? Só se reuniam ou pra fazer shows, ou pra campeonato de futebol. Agora eles estão mais preocupados e estou sentindo também que, pelo menos, uma boa parte deles está mais amadurecida. Quer dizer: a experiência de 68 não foi à toa...

Tarso — Mas, vem cá, mudando totalmente o assunto, como é que você conseguiu entrar em sociedade arrecadadora? Naquela época estava mais fácil? Porque esse negócio de direito autoral, me parece, continua na mesma porcaria.

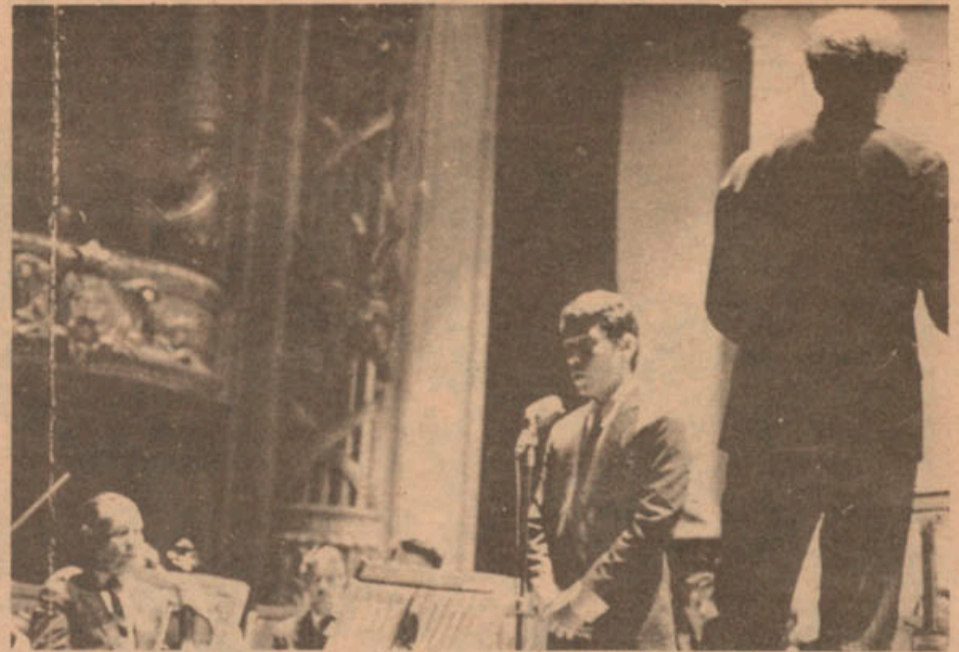
CHICO — A gente quando está começando não sabe de nada, eu não sabia nem da existência da sociedade arrecadadora. Eu só fui entrar pra sociedade, fui colocado na sociedade em 67, depois que a “Banda” tocou bastante no carnaval. Aquele negócio de direito do carnaval. Então, os direitos da própria “Banda”, “Pedro Pedreiro”, etc, eu nunca vi esse dinheiro. Aí é que eu fui conhecer o negócio. Eu vi outras pessoas que queriam entrar e que não entravam, entende? Não deixavam, porque era um negócio fechado essa sociedade. Tem uma fatia do bolo todo de direito autoral, das músicas que são executadas. Quer dizer, não interessa se, por exemplo, na época, a UBC tivesse todo compositor de sucesso dentro dela. Ela ia receber a mesma coisa como se não tivesse nenhum compositor de sucesso: o dinheiro é o mesmo pra se dividir, entende? Então, se você mete um sujeito lá, um sujeito com algum sucesso, é mais um pra dividir o bolo. Tinha compositores que queriam entrar e não podiam entrar e a música deles era executada. Era feita a arrecadação e distribuída por quem fazia parte das sociedades. Isso, pelo menos, mudou agora porque você não é mais obrigado a pertencer a nenhuma sociedade pra receber seu direito autoral.

Tarso — Mas, me parece que eles pegaram muita gente das velhas Sociedades pra trabalhar lá, né?

CHICO — Pegaram.

Tarso — Por exemplo, você sabe que o pessoal de escolas de samba em São Paulo, não recebe, não tem mais direito autoral?

CHICO — É, isso é incrível. Eu estou sabendo aí que, em primeiro lugar, 80% do que se distribui é ainda segundo o critério antigo, que é o que estava viciado. De fato, eu acredito que seja muito difícil você mudar tudo da noite pro dia. Os outros 20%, que são pelo critério novo, são arrecadados conforme uma pesquisa realizada em algumas rádios só do Rio e de São Paulo. Eu, inclusive, sou beneficiado por isso. Mas, por exemplo, o compositor de música sertaneja, esse não vai receber um tostão disso porque não toca nessas rádios. Em geral são rádios chamadas classe “A”, classe “B” e tal, do Rio e



Em 67, cantando com a Sinfônica Brasileira Municipal do Rio



Com Tom Jobim, Cynara e Cybele, cantando “Sabiá”, Galo de Ouro em 68.

de São Paulo, que não tocam música caipira. Não tocam mesmo. Esse pessoal não vai ver a cor do dinheiro.

Tarso — Você entrou, então, em 67 nesse negócio e em 68 houve aquele movimento novo de repressão, aí você foi pra Itália. O que é que determinou, realmente, a sua ida pra Itália?

CHICO — O que determinou a minha ida à Itália foi o Festival que havia lá. O problema não é a minha ida à Itália, o problema foi a minha não volta ao Brasil.

Tarso — Eu me lembro que havia realmente uma ameaça pairando sobre você. Mesmo que você negue, eu me lembro que havia uma ameaça de boca-a-boca que se falava muito.

CHICO — Não, o que havia, que era bastante desagradável também, era o negócio de eu não poder sair sem avisar. Eu estava na mesma como se fosse uma prisão domiciliar, entende? Quer dizer, eu podia sair pra algum lugar, mas teria que pedir permissão antes, a cada coisa que eu fosse fazer. E prisão domiciliar não é prisão, como é que pode dizer? Dentro da cidade. Não podia sair, não podia ir a Petrópolis. Tinha que telefonar antes e tal. Então, o clima já não estava bom, aí...

Tarso — Mas isso foi gerado por que?

CHICO — Até agora eu não sei direito. Eles falavam mais era na peça “Roda-Viva”, na minha participação numa passeata. Era um clima de horror mesmo. E, depois, começou a

aparecer uma série de ameaças, entende? E conselhos prá eu não voltar.

Tarso — Houve conselhos prá não voltar?

CHICO — Ah! uma série de conselhos o tempo todo. Não houve, assim, nenhuma proibição oficial, houve conselhos que vinham de alguns lugares, que dava pra gente ficar preocupado, né? Então eu não voltei, enquanto não tivesse uma certa garantia.

Tarso — Na Itália, como é que você conseguiu viver?

CHICO — Bom, aí foi uma parada, né? Eu vivia fazendo aqueles shows, o que não era nada cômodo, porque, quando eu cheguei tudo bem, fizeram uma festinha lá, né? Suiu no jornal e tal. Compositor da “Banda” e tal. Mas, na medida em que eu fui ficando, eu deixava de ser o artista estrangeiro, que estava lá fazendo uma “tourné” ou coisa e tal. Era residente lá. E aí começa a ficar uma figura fácil, começam a desaparecer os convites. E, na época, realmente, não havia mercado pra minha música, quer dizer, pra música brasileira em geral. E aí eu fiquei lá nessa base: o que aparecia pra fazer eu tinha que fazer. Show onde quer que fosse. Em geral, fazia assim a primeira parte de show, como uma “tourné” prá me defender, e junto com Toquinho. Era um troço terrível, porque ninguém sabia quem era aquele cara que estava tocando aquela música lá. Eles não entendiam nada, um cara cantando a “Rita”, cantando “Pedro

“Por me deixar respirar, por me deixar existir/ Deus lhe pague”

“São casas simples/ Com cadeiras na calçada/ E na fachada/ Escrito em cima que é um lar”

“Preparei para você uma lua cheia/ E você não veio e você não quis”

Pedreiro”. Os caras ficavam olhando, assim, parados, não sabiam que bicho era aquilo. Não estou falando de Roma, de Nápoles. A gente ia prá cidadezinhas mesmo, bem precárias. Um teatro que lotava quando ia Josephine Baker, com aquela população da cidade toda indo pro teatro e a gente ficava lá enchendo linguça, tapando buraco.

Tarso — Você ganhava quanto por show?

CHICO — Ah! não lembro. Eu fiquei 45 dias nessa “tournée” e era o justo pra viver. Eu estava com mulher e uma filha pequena em Roma. No fim da semana, eu corria com o dinheiro, botava no Correio pra Roma. Era um negócio muito importante esse dinheiro. Uma vez, terminou a semana justamente em San Remo. Havia o pagamento e tem cassino em San Remo, e se existe uma coisa que me deixa louco é roleta, sabe? Mas, eu como já tinha jogado, eu me conheço e tal, eu sabia como é que a gente deve agir nessa situação. O que a gente faz é o seguinte: vai ao hotel, põe uma parte no cofre lá, e leva dinheiro prá perder. Não tem perigo de perder mais do que pode. Mas, esse dia não dava tempo de ir antes pro hotel porque o cassino fecha às duas horas da manhã, a gente recebia o dinheiro à meia-noite. Então, em vez de botar no cofre do hotel, botei o dinheiro, o leite das crianças, no bolso esquerdo e o que ficou no bolso direito eu podia perder todo....

Tarso — Ah, isso funciona muito... (risos)

CHICO — Ai eu estava vendo, desesperado, que eu ia perder a fêria da semana inteira, não ia nem poder voltar no dia seguinte pra Roma. Porque ai vou jogando naquele negócio de dobrando, dobrando, dobrando....

Tarso — Um grande jogador é confiante pra ganhar, né?

CHICO — É. Sendo que no fim, o último dinheiro que eu tinha, que não deu pra dobrar, eu joguei, cerquei o 33, lembro até hoje, e deu. E daí eu recuperei pelo menos o que eu tinha jogado. Fiquei desesperado, porque, se não me mandasse acho que ia ter um problema lá em casa muito sério.

Tarso — E daí parou o jogo?

CHICO — Parei de jogar às duas horas — ah, parei. Esse realmente foi um susto feio.

Tarso — Nessa mesma fase na Itália, tem um negócio que me irrita até hoje. Você tem a capacidade de esquecer um pouco mais do que eu tenho, mas certa parte da crítica que hoje te endeusa aí. (inclusive eu escrevi isso no Folhetim) te endeusa assim na base de prejudicar outras pessoas. O cara te põe, uma coisa assim “Chico acabado e coisa”, como é que você recebia essas notícias lá?

CHICO — Recebia. Mas, é a mesma coisa que está se repetindo agora, só que está ao contrário, porque na época, vamos dizer, o Caetano e o Gil sofreram muito mais do que eu. Eles ficaram presos, uns dois meses presos, e foi uma loucura. Então, há sempre essa preocupação maniqueísta de colocar uns contra os outros. Eu lembro que tinha um negócio: artista preferido é Caetano/Gil, como se Gil fosse sobrenome de Caetano. E pior artista, nota zero, era pra mim, sempre, batata.

Tarso — Você lembra alguma nota zero?

CHICO — Eu ficava chateado porque achava que podia até o sujeito gostar da música do Caetano e não gostar da do Gil. Ou gostar da minha e gostar da do Gil e não gostar do Caetano, mas

era uma coisa sempre assim colocada....

Tarso — Você lembra de um cara que deu nota zero? Você já me falou isso, quem era? Você lembra, ou não?

CHICO — Não.

Tarso — Um cara que te deu nota zero mesmo, foi do Pasquim até.

CHICO — Não. Ganhei muita nota zero.

Tarso — Zero?

CHICO — Zero. Zero mesmo (risos) redondinho. Então, havia isso, entende? Hoje, eu entendo, até fico vendo esse negócio que está havendo com Caetano e Gil. Continua sendo um sobrenome do outro, quando eles fazem coisas às vezes muito diferentes. São duas pessoas muito diferentes. E agora tudo é pau em cima deles. E quando me usam pra isso, eu acho meio desagradável. Inclusive, tive uma longa conversa com Caetano. Uma pessoa fantástica, eu gosto muito dele. Gosto do Gil também.

Tarso — Bom, teve a peça “Roda Viva” e teve coisa assim de pessoas dizerem que não era você mesmo que tinha feito e não sei o quê. Mas, tirando a peça, a música “Roda Viva” você não sentiu um negócio estranho na época? No Festival não se entendeu “Roda Viva”. Você lembra que teve uns negócios de “Roda Viva” ficar patinando, inclusive houve reação de um grupo contra “Roda Viva”.

CHICO — É, aqui existia sempre, existia o....

Tarso — Será que não havia um despreparo político pra entender o que era o negócio de “Roda Viva” naquela época? Coisa que eu acho foi desperdatada depois, apesar de você. “Roda Viva” não cumpriu esse papel e hoje “Roda Viva” é um negócio entendido.

CHICO — Mas eu acho que quando você está enquadrado dentro de um negócio desse, você não tem saída não. Eu lembro de uma música que eu fiz naquela época, que as pessoas vieram me pichar, pichar essa música, não sei o quê, achando que ela era, talvez até que fosse uma música reacionária,

quando eu nunca fui um cara reacionário e que ela diz exatamente uma coisa do “Que Será”. A música chama-se “Bom Tempo”. Ela diz a mesma coisa do “Que Será” noutra linguagem e as pessoas vieram pichar porque era uma música otimista, uma coisa assim e tal. Realmente, porque você está enquadrado dentro de um negócio, eu era considerado conservador, reacionário não, conservador. Fatalista conservador, como diziam. E, de repente, agora, voltando ao negócio sério, o Caetano faz uma música como “Gente”, que é uma música com conteúdo social muito evidente e tal e ninguém nota isso. Ninguém fala disso. “Gente não é pra morrer de fome, gente é pra luzir”. Bonita à bessa, né? E de conteúdo social. E político.

Tarso — A mudança da crítica com você de ontem para hoje é um negócio incrível. Você mesmo já tinha dito isso. Não te dá um certo cansaço esse tipo de mudança das pessoas, assim tão fácil? Em minha opinião, muitos críticos usam você, um cara que escreve assim: “Caetano é um m...., mas o Chico é maravilhoso” ou “O Gonzaguinha é um m...., mas o Chico é maravilhoso”, etc. Você não sente um certo uso do seu nome pro cara explicar, o cara não tem defesa, ele mesmo? O crítico, eu estou falando.

CHICO — Sim. Tudo isso eu já falei. Já falei sobre isso. Esse negócio de crítica eu fiquei muito chateado naquela época e não me comove. Mesmo que seja a favor, entende? Porque quando a porrada vem ela vem brava, né? Eu te contei aquele negócio do Lux Jornal?

Tarso — Eu ia falar nisso mesmo....

CHICO — Pois é.

Tarso — Eu mesmo sempre pegava o Lux Jornal uma época e queria responder de madrugada, tudo, né?

CHICO — Não, isso aconteceu. Assim que eu cheguei, tinha uma pessoa que fazia isso pra mim. Eu nunca guardo nada, eu não tenho. Ele fazia porque, inclusive, ele precisava, você

conheceu....

Tarso — Orestes Bastos?

CHICO — Pois é, trabalhava com o Sérgio Porto. É um cara muito bom e tal, e ele fazia esse negócio pras pessoas e eu, tá bom, faz pra mim também, tudo legal. E eu fui fazer a besteira de ler, quando cheguei ao Brasil, aquelas pilhas de recortes. E aí não dormi aquela noite. Fiquei lendo e queria responder pra todos os jornais ao mesmo tempo. Em vez disso eu pedi desculpas ao Orestes e dispensei os serviços dele. E não dá pro cara responder. Não dá mesmo. Especialmente porque era a nível pessoal, entende? A nível pessoal.

Tarso — Mas, me diga uma coisa, eu lembro quando você chegou ao Rio, você foi morar lá na Prado Júnior, que era um local finíssimo, né? Foi sua avó que escolheu, uma coisa assim, aliás, sua mãe, né?

CHICO — Foi a minha mãe, é.

Tarso — Copacabana, perto da praia, aí você....

CHICO — Minha mãe chamava a rua Prado Júnior de rua Goulart, ainda, porque era do tempo, ela morou lá, inclusive, eram casas e tal, em 1910, mais ou menos; então ela: ah!, aluguei um apartamento ótimo na rua Goulart. Rua Goulart era a Prado Júnior, “Beco da Fome” (risos).

Tarso — Beco de fome?

CHICO — Beco da fome.

Tarso — Estou me lembrando de umas histórias, agora. Por exemplo, você ia à Gôndola, porque a Gôndola estava na moda. E quem eram seus conselheiros musicais nessa época?

CHICO — Espera aí, a Gôndola? Eu ia muito ao Cervantes.

Tarso — É, ou ao Cervantes, eu não me lembro. Mas me lembro o seguinte: as pessoas que você achava importante do Rio, quais eram?

CHICO — Não, eu estava muito deslocado aqui no Rio, então....

Tarso — Por exemplo, Sérgio Bittencourt, um dia, te aconselhou: não vá.

CHICO — Mas eles eram amigos do Franco Paulino. Franco Paulino era



Junho de 68, tempo de “Roda Viva” no teatro

“Pedro não sabe mas talvez no fundo/ Espera alguma coisa mais linda que o mundo”

“O delegado é bamba/ Na delegacia / Mas nunca fez samba/ Nunca viu Maria”

“A felicidade morava tão vizinha/ Que, de tolo/ Até pensei / Que fosse minha”

meu amigo de São Paulo. Franco Paulino e Luís Vergueiro, mais ou menos se mudaram para o Rio por essa época também. Quando eu cheguei, eu tinha que me situar, tinha que me localizar e aí, ou através dos diretores do show, que eram o Carvana e o Fontoura....

Tarso — Isso pode acontecer a qualquer um...

CHICO — Pois é, ou então através das amizades desse pessoal lá de São Paulo, meus amigos de São Paulo. Eu não conhecia mesmo o ambiente aqui. O sujeito chega e fica completamente perdido. Mas aí...

Tarso — Daí, então, você olhava o Sérgio Bittencourt e outros como ídolos...

CHICO — Não. Não exagera também.

Tarso — Bom, olha aqui, e quando é que começou uma efetiva ação da censura com você. Foi com a peça “Roda Viva” mesmo?

CHICO — Antes já houve o caso do Tamandaré, que o pessoal da Marinha não gostou. Depois foi a peça “Roda Viva”.

Tarso — Como é que era exatamente “Tamandaré”?

CHICO — “Tamandaré” era uma música brincadeira com a nota de um cruzeiro. A nota de um cruzeiro, na época, era Tamandaré, lembra? Então era uma brincadeira sobre a desvalorização da moeda, falando de Tamandaré, quer dizer, a desvalorização do próprio Marquês de Tamandaré. Depois foi “Roda Viva”. Não havia censura prévia nessa época. Tanto que “Roda Viva” foi levada e tal. Houve um caso de pancadaria em São Paulo, houve caso de sequestro lá no Rio Grande do Sul e depois ela foi proibida. Essa nossa censura prévia só na volta da Itália é que eu fui encontrar.

Tarso — A primeira censura acho que foi com o samba “d’Orly” não foi?

CHICO — Não, essa foi bem depois. Essa eu já estava aqui. Na Itália eu...

Tarso — Não, eu digo, das músicas que você mandava pra cá?

CHICO — Não, que eu mandei pra cá não houve censura, não. A censura braba começou mesmo depois de “Apesar de Você”.

Tarso — Que foi uma música dedicada a uma moça, não é?

CHICO — Claro.

Tarso — Uma namorada que você teve em São Paulo, não foi?

CHICO — É, que era muito, muito mandona.

Tarso — Você não acha que depois se desenvolveu também um folclore em torno de você? Quer dizer, à medida que um País é mal informado, entende? É um negócio assim, que o Fernando Henrique Cardoso, inclusive, coloca como um negócio de — como é que chama? — “coisa de caipira mesmo”. Então, você não acha que um pouco pelo próprio fato de uma alienação de grande parte da população, realmente em decorrência da desinformação imposta pelo governo, você não acha que essas pessoas começaram a usar você como um folclore? Quer dizer: Chico é censurado de tudo, e de repente ficar solidário com você é uma técnica para não ter que fazer nada?

CHICO — É, esse perigo existe, né?

Tarso — Não é com você especificamente, com diversas pessoas, quer dizer, com Niemeyer, com Glauber, sei lá, com diversas pessoas.

CHICO — Claro. Esse perigo existe, esse é um pouquinho como aquele negócio de estudantes também, né? De

repente, o cara está servindo, está dando show pra estudantes e tal e é aquele negócio que no fim serve pra satisfazer a consciência dessas pessoas e pra não fazer nada, também, né? Então isso é muito perigoso. É perigoso pra quem, principalmente pra quem se entrega a isso, porque pode criar até uma autocomplacência, que tem que ser evitada de qualquer maneira, entende? Eu, quando me queixo, (sempre me queixei, eu acho que é obrigação a gente estar se queixando quando acontece caso de censura), não é pra chamar a atenção sobre mim, entende? E pra chamar a atenção sobre a censura. Isso é o que as pessoas às vezes confundem, achando que, não, você está falando muito de censura e tal, está querendo se promover com a censura. Não, isso é uma besteira, quer dizer, isso pode ser até uma projeção que ele esteja fazendo, achando que o sujeito se promove com isso. A gente tem que denunciar a censura, porque tem que dificultar o trabalho dela. E, cada vez que se denuncia a censura, a gente está criando dificuldade, entende? Porque o sujeito não pode virar uma vítima. O sujeito não pode virar uma vítima da censura porque a opinião pública não vai aceitar, entende? Então, por exemplo, eu tenho certeza que algumas músicas minhas, ou mesmo peças de teatro foram liberadas porque outras haviam sido proibidas e porque eu chiei e porque uma parte da imprensa me deu uma cobertura boa. Nesse sentido eu acho útil não um folclore em torno da censura, não, mas a denúncia do negócio, a comunicação disso, porque a coisa mais brutal que aconteceu nesse tempo todo de censura e a mais eficiente foi o caso da peça “Calabar”, que eles proibiram e proibiram a divulgação da proibição, entende? Mas assim é fácil, é psicologia de canhão. Agora, quando pode ser denunciada, eu acho que tem que ser denunciada. Eu falo isso tudo também porque agora está um pouquinho melhor, a gente deve reconhecer, entende? Mas, nada garante a gente. A gente não tem nenhuma segurança de que amanhã não vá ficar igual a ontem ou pior.

Tarso — Olha, alguma vez você conseguiu entender a censura? Um critério de censura?

CHICO — Não, critério de censura não dá para entender. Não sei qual é. Não existe.

Tarso — Você toma muito cafezinho lá. Vai lá, eles te tratam bem e coisa?

CHICO — Não. Agora, não, mais recentemente eu não tenho sido chamado, não.

Tarso — Eu acho até que dá, só dá pontos a favor ser proibido pela censura. Mas, as músicas foram praticamente perdidas, né? com o tempo.

CHICO — Muitas sim. Porque a música tem esse negócio imediato. Tem até um lado circunstancial, às vezes. É o caso da música que eu fiz pra Portugal que, se agora for liberada, não interessa mais. Não estou interessado em mandar o abraço. Porque eu fiz em determinado momento histórico. Agora, já não é a mesma coisa entende? Isso acontece. Ou mesmo músicas que a gente não se interessa mais, porque você está trabalhando, está se renovando, até musicalmente. Às vezes não é nem questão da letra, não. Agora se eles liberarem “Tamandaré”, que eu compus em 1965, por exemplo, aí está um caso, eu não vou gravar, porque não interessa, eu já não faço aquele tipo de música. A gente tem isso também. É um processo. Um disco vem depois do outro e não é coisa apa-

nhada, assim. Você recria. O que interessa é fazer música nova e gravar música nova pra dar certo.

Tarso — Se houvesse a chance de liberação, qual é a música que você gravaria hoje no meio das proibidas? A que te interessa mais?

CHICO — Olha, eu não tenho, não tenho essa perspectiva...

Tarso — “Cálice”, por exemplo?

CHICO — É, “Cálice” eu gravaria. Mas também não é tão importante pra mim isso agora. Porque eu já não estou mais preocupado com “Cálice”. Se fosse tão importante, o que eu ia fazer era ir pra Portugal, por exemplo, e gravava lá e tinha essa música gravada, como eu fiz com “Tanto Mar”, essa música que eu falei. Aliás, ela saiu, cumpriu o papel dela, só que no Brasil ninguém conhece. E saiu lá com letra e tudo.

Tarso — Agora, você acha que é possível uma etapa entre censura melhorada ou que a única luta que interessa é a anulação da censura? Você não acha que essa é a única posição correta que pode haver num País pra ser livre?

CHICO — Claro. E quando eu digo que a censura está melhor agora do que estava antes, não estou agradecendo, nem nada, porque é uma conquista parcial nossa e não tem que estar satisfeito com isso. Por enquanto, é uma conquista parcial e eu acho que liberdade não tem esse negócio de parcial,

de ser pela metade, nem pode ser relativa.

Tarso — E o negócio de teatro? Há épocas em que você tem um negócio compulsivo. Você fica louco, de repente. Eu lembro quando você começou a escrever “Fazenda Modelo”, por exemplo. Foi a solução na hora que você estava danado da vida com todo o negócio de música, não foi? Você se dedica como solução e depois vira uma quase obsessão.

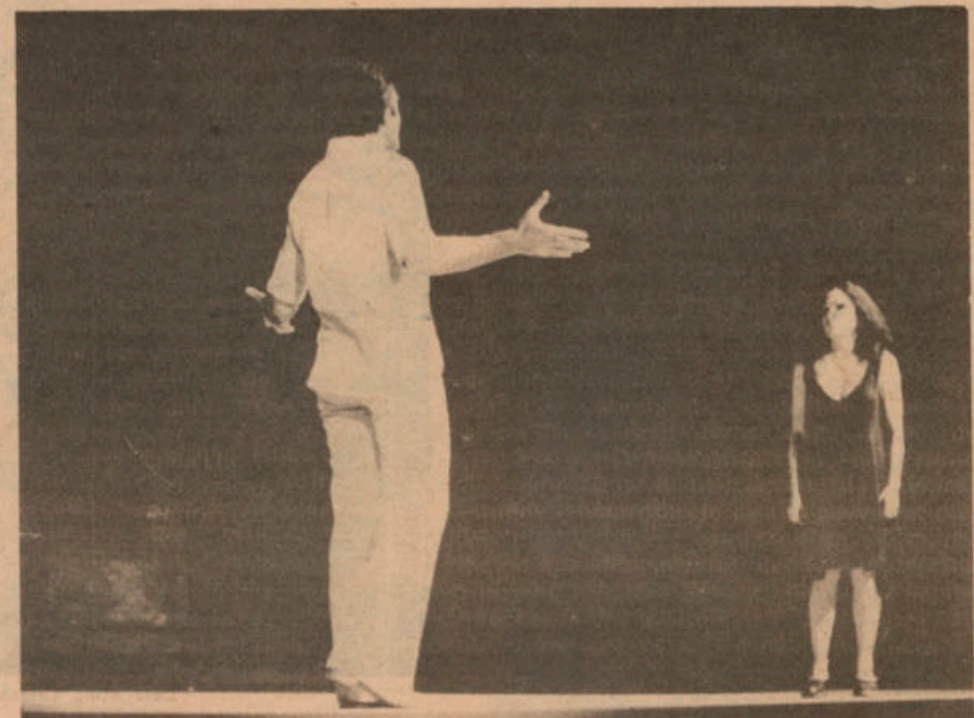
CHICO — Não. O que aconteceu foi que eu, naquela época, fiquei realmente sem alternativa, sabe?

Tarso — Inclusive, você tinha feito um conto, até a gente discutiu o conto que você tinha feito.

CHICO — É, inclusive desenvolvi alguma coisa que tinha escrito antes e tal. E não havia outra alternativa, porque eu tinha tido a peça “Calabar” proibida e logo em seguida o disco de um show que eu fiz ao vivo aí também proibido. E realmente, eu não estava em condições de gravar nada, nem de compor, entende? Eu estava vendo que qualquer coisa que eu fizesse ia ser mais um desgaste, mais um trabalho à toa. Então, parti pro livro. E aí parti mesmo, inteiro. Tempo integral e não fiz outra coisa o tempo todo. No fim do ano, a Philips queria lançar um disco e aí é que houve aquela idéia daquele disco “Sinal Fechado”, só com músicas de outros autores. Mas, inclusive, eu ia



Com Bethânia, em 75



Ano passado no Rio, tempo de “Gota d’água”.

“Depois os dois deram-se os braços, como há muito tempo não se usava dar”

“Não chore ainda não/ Que eu tenho um violão/ E nós vamos cantar”

“Que gente triste possa entrar na dança/ Que gente grande saiba ser criança”

pro estúdio gravar com a cabeça no livro que estava em casa. Voltava pra “Fazenda Modelo”.

Tarso — Quem te apoiou muito nessa época foi o Julinho da Adelaide, né?

CHICO — O Julinho da Adelaide fez uma música aqui e ali.

Tarso — “Chama Ladrão”?

CHICO — Fez “Chama Ladrão”, fez...

Tarso — Devia ser pai dele, né? O marido da Adelaide...

CHICO — Fez “Você não gosta de mim” e não sei o que, né? Heim?

Tarso — Devia ser o marido da Adelaide, né?

CHICO — Quem?

Tarso — O ladrão.

CHICO — O ladrão, marido da Adelaide? (risos).

Tarso — Você não é frequentador de teatro, você não gosta muito de teatro e escreve pro teatro, né? Agora, suas peças você vai ver diversas vezes, não vai?

CHICO — Não, não vou ver muito, não. Só vejo em tempo de ensaio, depois não vejo mais. Mas eu também não gosto de música e faço. (risos).

Tarso — Você escuta música quantas vezes por ano? Na sua casa, você sentar, pegar a vitrola, ligar e escutar.

CHICO — Eu não escuto mesmo. É

muito difícil eu fazer isso. Escuto assim quando sai um disco novo e tal...

Tarso — Seu?

CHICO — Não, meu não. Meu, então, eu não escuto mesmo. Meu só escuto a fita na época de gravação mesmo de estúdio, naquela empolgação. Quando sai o disco, já com a capa e tudo, eu já não estou mais ligado nele. Agora, um disco assim do João Gilberto, como esse que saiu agora, disco de Tom Jobim, de Caetano, de Gil, de Milton, esse eu ouço. Mas não fico ouvindo o tempo todo. E não fico também fazendo música o tempo todo, como muita gente faz. Os compositores que eu considero mais compositores do que eu, são mais músicos do que eu, fazem, entende? Chegam na casa da pessoa estão sempre lá tirando o som e coisa e tal. Então eu tenho um outro lado que compensa um pouquinho, que é o lado mais ligado à letra, às palavras mesmo, né? que pode ser fazer letra de música, ou pode ser escrever um negócio, ou escrever pra teatro. Até mesmo teatro o que me interessa mesmo é a parte literária dele.

Tarso — Prefere ler a ir ao teatro?

CHICO — Eu prefiro ler. Eu entendo mais se eu ler do que se eu for lá assistir. E eu tenho um negócio que renega mais uma vez a minha tentativa de fazer Arquitetura: uma falha na

minha sensibilidade, eu não entendo nada do que é visual. Não sei se a peça está bem, se o cenário está bonito, se não está, entende? essa coisa assim, se a montagem está assim ou assada, foge à minha capacidade de percepção.

Tarso — Cinema, por exemplo.

CHICO — Ah! a luz não estava boa, não percebi. Ah! tinha luz? A gente vai assistir a um show que nem agora “Saltimbancos” é tal. No som eu percebi todas as falhas, luz eu nem sei onde é que estava. Cinema também não me atrai muito, sabe?

Tarso — Qual é então o passatempo seu?

CHICO — Eu não tenho passatempo. Eu gosto de trabalhar mesmo. Ou jogar futebol, porque eu jogo muito bem, aliás, eu volto a afirmar.

Tarso — Há divergências. (risos).

CHICO — Ou um bate-papo, isso também é legal.

Tarso — Mas você tem um tipo de disciplina básico, que eu não consigo ter. Você consegue se fechar e trabalhar horas. E é engraçado, porque você é um vagabundo, quer dizer, eu te vejo como um vagabundo, bebe, diz besteira e coisa. Como é que surge esse processo de disciplina, que eu quero saber, aliás, pra minha informação? (risos).

CHICO — Eu tenho muita tendência à dispersão, o dia que passo sem fazer nada, não acho legal, não me sinto bem, entende? Tenho uma certa ansiedade de fazer as coisas, estar fazendo sempre. Mas isso é uma coisa. Esse negócio de disciplina que você está falando, é um negócio que eu me imponho a duras penas. Também não é verdade que eu fique trabalhando o tempo todo. Mas fico trancado aqui em frente da máquina, às vezes, com um papel em branco.

Tarso — Você, nesse show do Milton em Três Pontas, resolveu: “vou”. Você tem um tipo de autodisciplina, que eu sei lá, deve ser um negócio meio de formação, quase de escola, não parece isso?

CHICO — Não, porque eu não era assim. Eu levava a vida como ela vinha. Mas, você por exemplo, você trabalha no jornal, você tem uma pauta lá, você tem um negócio prá fazer, você faz. Ou não faz (risos). Mas eu não tenho essa pauta na minha frente. É um trabalho que se você não se perguntar, não se educar, não se disciplinar um pouco, você não vai fazer.

Tarso — Eu tenho a impressão seguinte, prá mim você é o melhor brasileiro, boneco (risos).

CHICO — Ai!

Tarso — Você não se transformou neste músico maravilhoso, com base no jogo de palavras? Me parece que você tem uma paixão longa, já amadurecida, com o jogo de palavras. Deve ser um negócio do ginásio, quase infância.

CHICO — Em primeiro lugar eu não sou poeta; eu faço letra de música e não poema.

Tarso — Não, mas espera aí, poeta não é um negócio assim, poeta tal, música tal, você vê...

CHICO — Não, porque estão fazendo uma certa confusão em torno disso, entende? E até os poetas, poetas mesmo, estão ficando chateados com esse negócio. Parece que eu, Caetano e outros estamos assumindo uma postura de poeta. Não é isso. Agora, mais uma coisa pra reforçar isso que eu estou dizendo: eu tenho paixão mesmo pela palavra. Eu transo

a palavra, quando estou fazendo música e letra, eu transo a palavra junto com a música. É um trabalho, é uma coisa só...

Tarso — Mas, você joga muito com a sonoridade da palavra. O que me parece é que a partir do som de algumas palavras, você cria a música. A música entra como auxiliar das palavras.

CHICO — Eu acho que acontece ao contrário.

Tarso — É mesmo?

CHICO — Normalmente acontece o contrário. Eu, a partir da sonoridade de uma música, a partir do som mesmo, eu vou descobrir a palavra correspondente. Tanto que as minhas parcerias são quase todas fazendo letra pra músicas que estão prontas. Eu vou tentar colocar ali as palavras que parecem corresponder àqueles sons que estão ali.

Tarso — Agora, vem cá, passemos a outra coisa: numa entrevista do Florestan Fernandes, há o seguinte: que este papo de cientista não poder fazer política é uma besteira porque a política é uma decorrência, entendeu? De você, de vez em quando, dizem assim: “Não, o Chico não é político, o Chico é um músico”. Você não acha que todo ser humano tem que ser obrigatoriamente político, que esse papo de que sujeito não se mete em política é uma besteira, você não é uma pessoa claramente situada politicamente?

CHICO — Eu sou, mas eu não coloco isso assim como uma ordem, não. Eu não acho que o artista tenha que ser político necessariamente.

Tarso — Não, ele será político mesmo pela ausência, quer dizer, a omissão é uma posição política.

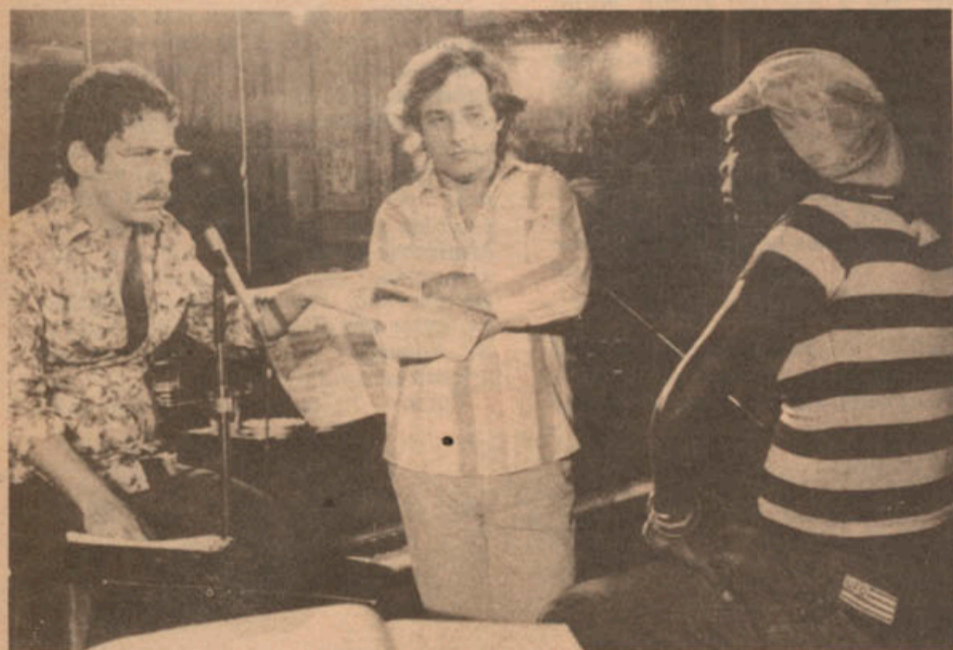
CHICO — Então aí é que está outra coisa. Por exemplo, João Gilberto. Se você perguntar a ele quem é o presidente da República, ele não sabe. Não sabe mesmo. Agora, a arte dele é revolucionária, entendeu? E acaba tendo um papel político, sem que ele queira. Sem que ele saiba.

Tarso — Sim, mas você não entendeu. A minha tese é a seguinte: é que é proibido a quem quer que seja proibir o cara de participar ativamente da política.

CHICO — Ah? isso é claro. É proibido proibir. É evidente. O sujeito eu acho que até pra exercer a profissão de médico é bom que tenha uma visão política. A não ser que seja um sujeito tipo artista, entende, um tipo João Gilberto.

Tarso — Escuta, a TV Globo entendeu que é o Ministério da Informação de tudo o que há de pior no País. Quer dizer, qualquer restrição, a Globo está apoiando, tanto que houve aquele episódio do Festival Internacional da Canção, em que eles quase levaram vários compositores à cadeia. Bom, atualmente, já se fica conversando que você voltaria pra Globo, aquele papo. Então, eu acho bom deixar claro o seguinte: qual a razão do seu afastamento da Globo, especificamente?

CHICO — Tem várias razões pra eu não estar na Globo. O que há de novo agora, é uma insistência por parte da Globo em colocar a mim e outras pessoas lá dentro, entende? E isso é uma coisa evidente que eles estão querendo computar né? Não interessa mais excluir. Não interessa mais censurar. No momento, não interessa mais omitir o nome, como faziam, tranquilamente. Interessa muito mais cooptar, quer dizer, enquadrar fulano, fulano, e fulano, que não estão. Por que não estão na TV Globo? é a pergunta né? Vamos botar.



Com Francis Hime e Milton Nascimento



Com Silvio Caldas

“O que não tem conserto, nem nunca terá/ O que não tem tamanho/ O que será que será”

“A moça feia debruçou na janela/ Pensando que a banda tocava pra ela”

“Olha a voz que me resta/ Olha a veia que salta/ Olha a gota que falta/ Pro desfecho da festa”

Tarso — Mas, de repente, parece uma questão de honra pra eles levar você pra lá.

CHICO — Eu não tenho muita questão de honra com a TV Globo. Acho que esse valor não existe muito lá. Mas eu acho que há interesse, não só da Globo, mas de tudo o que ela representa, em colocar todo mundo dentro daquele quadrado.

Tarso — Quer dizer, fazer o monopólio mesmo também na área artística e coisa.

CHICO — Claro. E fazer, dar a impressão de que não existe oposição no País. Oposição de nenhum nível. Não estou falando de MDB, nem de nada.

Tarso — Mas, falando no MDB, na campanha de 1974, você deu um apoio a certas pessoas. Quer dizer, não só você, como o meu querido Érico Veríssimo, como uma série de pessoas. Um desses, por exemplo, que é o Oscar Freire, eu posso citar. Almocei com ele outro dia, e ele me defendeu numa posição das mais baixas que eu já conheci.

CHICO — Marcos Freire.

Tarso — Marcos Freire.

CHICO — Oscar Freire é uma rua (risos)

Tarso — Que conste. Eu estava almoçando com o Marcos Freire e ele disse assim: “Eu acho que nós devemos lutar pela anistia parcial, hoje”. Acho que essa posição é inteiramente incorreta. Agora, suponhamos o seguinte, esse MDB que virou um conglomerado de divisões, quer dizer, o MDB não virou um partido, é oportunista mesmo. Você não acha que em certos casos há muito risco em se dar uma mão pra essa gente?

CHICO — Olha, toda posição, toda expressão de posição política, implica num risco, implica sempre num desgaste muito grande. Realmente é muito mais fácil você não se manifestar, nem dar apoio a ninguém e não criticar ninguém. É muito mais fácil. Agora, eu não conheço essa posição que você está falando, do Marcos Freire, mas na época me pareceu que valia a pena apoiar e, inclusive, o negócio foi feito porque é um amigo comum, né? Um sujeito lá do Recife, que é um amigo meu, em quem eu confio, me pediu esse apoio. Eu dei, entende? Mais tarde, alguém ligado ao Brossard, pediu a mesma coisa. Eu dei. No caso do Brossard, inclusive, havia o apoio de Érico Veríssimo. Eu fiquei pensando, vem cá? O Brossard não é um homem da Revolução, que eles chamam, né? Um homem do golpe de 64. Mas, não, há mil nuances aí, que eu às vezes nem consigo perceber direito. Então, de certa forma, você está se desgastando, na mesma medida que um sujeito, quando topa fazer um anúncio publicitário na televisão, está se desgastando, só que está recebendo dinheiro pra isso. Nesse caso não está se recebendo e eu acho que a gente tem que evitar e brigar um pouco contra essa imagem puritana do artista, colocado lá no alto.

Tarso — Mas, olha aqui, te conheço há 150 anos, você não é e nunca foi um ingênuo. Você sabe o que faz, quer dizer, você sabe a importância que você tem hoje dentro do País, né?

CHICO — Bom, até certo ponto, Tarso, mas eu não tenho acesso a todas as informações que eu deveria ter. Agora, nesses casos, e às vezes eu posso até fazer besteira, mas eu atendo a pedidos de amigos meus, em quem eu confio. Então o sujeito está me pedindo tal coisa, eu confio nesse sujeito, é um amigo meu. Está bem, porque se não é impraticável. Eu teria que estudar a

vida desse cara, ver qual é a posição dele, conversar com ele. Depois, eu não acho que seja uma coisa tão importante assim, tão preciosa, pra eu ficar valorizando assim, entende? Ai estou me tornando um garoto propaganda, colocando o meu preço e... Agora, é claro que eu tenho uma série de restrições a todo esse negócio do MDB, a essa situação toda. Mas eu não posso nem ficar caindo no outro lado, que foi pra onde eu caí também um pouquinho, logo depois de 64, que é a negação de tudo e a descrença em tudo. A gente procura dar um certo crédito e muitas vezes a gente sai decepcionado. Muitas vezes. Mas é uma atitude, pelo menos, generosa.

Tarso — Eu acho muito correta.

CHICO — Com os riscos todos que ela inclui.

Tarso — Mas tem outro lado da coisa aí. Tem uns amigos seus que pedem pra você, pelo menos pediam uma época, eu me lembro, amigos nossos, que pediam pra você: “toma mais cuidado, não se exponha tanto e coisa” não é verdade?

CHICO — Existe isso.

Tarso — Mas melhorou esse negócio, né? porque no início, há uns dois anos atrás, havia muito apelo: “Chico, pára com isso, não provoque” e coisa. Hoje, parece que entenderam que você está na posição irreversível de ser uma pessoa correta, dizer as verdades que acha.

CHICO — Não, e depois há outra coisa. Eu acho que uma posição um pouquinho mais violenta, que eu tinha há uns quatro anos atrás, aparentemente era fruto dum desespero, entende? Porque o sujeito desesperado, sem perspectiva nenhuma, não pode nem parar pra pensar em agir prudentemente. Enquanto que agora a situação já é bastante diferente, acho que a gente está em condições de pensar um pouco nas coisas. Não vou dizer que estejamos com a faca e o queijo na mão, mas pelo menos a faca e o queijo não estão mais na mão de quem estava, entende? Não está tão claro assim o controle absoluto da situação pelas forças de repressão como estava há quatro anos atrás. Então, eu acho que é, inclusive, a hora de evitar brigas pessoais, entre quem mais ou menos se feche em torno de uma idéia democrática. É uma hora de ser menos intolerante e menos individualista.

Tarso — E mais você vê, agora, por exemplo, neste momento, estão movendo campanhas contra Caetano, que você me falou, e contra Glauber. A campanha contra Glauber é um negócio impressionante.

CHICO — Incrível. Eu, inclusive, gostaria até de conversar com o Glauber, porque eu acho que ele está equivocado. Acho mesmo, na posição dele. Mas, de qualquer maneira é um cara que não está acomodado, que está querendo entender o momento político brasileiro. O chato é que, atrás dele, vem um cordão de gente menos preparada, que não parou pra pensar e sai dizendo besteira. Achando que está na mesma posição do Glauber.

Tarso — Não sei se você tem essa visão, mas há de um lado, um grupo que é profissional do dedodurismo e que acusa outro grupo de ser entregue ao poder.

CHICO — Mas não tem nada a ver.

Tarso — Quer dizer o processo que quase você sofreu quando você voltou, entende? E teve sujeito que insinuou: “ah! então fez as pazes né?”

CHICO — É, fui acusado disso mesmo.

Tarso — Então, de repente, é um crime você voltar pra sua pátria e abrir o debate. Quer dizer, hoje o Fernando

Henrique diz assim: “Se me chamarem pra esse negócio de Escola Superior de Guerra eu vou lá. Eu tenho muita coisa a dizer a eles, entendeu? Eu tenho muita coisa a dizer”. Como o Florestan. Eu estou falando nesse grupo que é um grupo que me parece mais importante, mais lúcido deste país, que levanta e diz assim: “Não, o problema não é discutir o problema eleitoral, é discutir os temas básicos de um país, né? E só são discutidos quando vem um “pacote de abril” essas coisas. Então, quer dizer, o Glauber bem ou mal, abriu um debate, entendeu? Que coincide, por acaso em alguns pontos com o Florestan. É claro que eu também discordo com alguma coisa do Glauber mas coincide naquele negócio: “Militar e a burguesia não têm muita diferença, são formados tudo no mesmo esquema, nunca teve a audácia e a honradez de fazer uma revolução nacional mesmo, né? Então, essa acusação me parece muito vaga, eu quero saber o seu ponto-de-vista, esse negócio de acusação, se é possível esse negócio?”

CHICO — Essa é uma outra discussão muito longa. Mas eu acho que o Glauber se firmou numa posição que ele tinha quando a situação, quer dizer, quando os exemplos que ele tinha era Alvarado, no Peru, e a jovem revolução portuguesa dos primeiros tempos. E agora já ele perdeu um pouquinho esse pé de apoio. Mas essa é uma longa discussão que é saudável existir, exatamente como eu estou dizendo.

Tarso — Com todo esse clima que se estabeleceu aqui, você não sente, de vez em quando, um profundo cansaço da mesquinha que se estabeleceu? É um país que está debatendo coisas menores, você não sente isso no ar? De repente você olha a primeira página de um jornal e é uma besteira, é uma coisa assim, o que é que você lê, o que você consegue ler no jornal, hoje?

CHICO — Essa impressão a gente tem muito quando chega de viagem. Depois a gente vai se acostumando, isso

é que é mais triste. Você chega de uns 15 dias de um lugar onde haja assim uma abertura maior e você lê as coisas, então você volta pra cá, já vem naquele avião, tudo fechado, lê aquele jornal, a claustrofobia toma conta da gente.

Tarso — O que me impressiona muito é que se a gente comparar o que os membros do governo falavam há um ano atrás, às vezes nem um ano, às vezes há um mês atrás e o que fala hoje, mudou tudo, né? Então, por exemplo, o que seria o ministro da Cultura, eu digo o que seria, porque uma pessoa que admite a censura, etc não me parece ministro da Cultura, o sr. Ney Braga passou um tempo dizendo que queria aproximação com a classe artística e sei lá, entende? E, de repente, é o primeiro a sair na rua e dizer que não tem esse papo, que estudante precisa estudar, que artista é pra atuar então, sei o que. No caso dos músicos ele fez alguma tentativa de aproximação, de diálogo pra discutir coisas que favorecessem a classe?

CHICO — Não, fez, inclusive, eu devo até dizer que nesse negócio todo a Som-Brás, que é uma organização de músicos e tal foi ouvida pelo Conselho de Direção Autoral, entende? Nós tivemos palavra lá dentro na mudança, por enquanto ainda precária, mas em todo caso uma mudança no sistema de arrecadação dos direitos autorais e tal. Outra coisa que ele não podia é resolver o problema da censura dos artistas, porque o problema da censura está sujeito a outro Ministério, entende? Aí ficou uma aproximação inútil, entende, pelo menos pros artistas. E acontece essas coisas, tipo da peça do Vianinha, né, “Rasga Coração”, que é premiada pelo SNT, que é ligado ao MEC e proibida pela censura que é ligada ao Ministério da Justiça. É isso que está aí, entende? Isso é o retrato do que está acontecendo, inclusive, da inutilidade de tentar um diálogo com o Ministério da Educação e Cultura, no que se refere à censura.

Tarso — Então você discute com um



Na Praça Travessia, com Milton Nascimento...

“Lá fora, amor/ Uma rosa nasceu/ Todo mundo sambou/ Uma estrela caiu”

“Como alguém que apagasse a luz/ Vedasse a porta e abrisse o gás”

“Olhos nos olhos, quero ver o que você diz/ Quero ver como suporta me ver tão feliz”

ministério que pode até te financiar um negócio, te ajudar e outro proíbe. Quer dizer o governo não tem a menor coerência nisso.

CHICO — Não tem. De jeito nenhum.

Tarso — Um certo humorista “toc, toc, toc”, uma vez diretamente na Veja, que um certo cantor usava a contestação prá se promover. Depois, na declaração no “Diário da Noite” e “Diário de São Paulo” citou você nominalmente. Então, isso me parece indignidade total. Insinuar isso, porque me parece que o disco censurado dá prejuízo. Os seus discos mais vendidos, mais censurados, não deram prejuízos? no geral?

CHICO — Ah! dá. Um disco como esse todo cortado, sem letra, não sei o que, ele não tem interesse. Isso eu já falei e há uma solidariedade das pessoas e tal, mas que pode até conferir um certo prestígio numa área bastante restrita ao artista, ao intelectual, entende? Como há a simpatia pelas pessoas que são condenadas, ou coisa. Isso existe mas é uma coisa muito pequena em relação à potencialidade de um disco como esse último que eu lancei, que vendeu dez vezes mais do que aquele outro. Depois, o sujeito fica ligado, não ao trabalho que está fazendo, mas à censura, entende? Isso não é bom de jeito nenhum. Não dá camisa a ninguém, nem dá satisfação nenhuma, porque o sujeito é parado na rua; “hei, como é que vai a censura”, em vez de perguntar pela sua música, entende? A gente quer é mostrar a música da gente.

Tarso — Com o jornal, a técnica que a censura usa e que em grande parte cola é a seguinte: levar o censor ao extremo de promover a autocensura, quer dizer, criar um caso de autocensura dentro dos jornais. No seu caso, você acha que eles conseguiram alguma coisa assim? Você, quando está fazendo alguma música, sente um toque de autocensura? Você tem um medo de

não botar uma palavra? Você passa a se cuidar ao fazer uma música?

CHICO — Não. Conscientemente, não. Não tenho consciência disso não. O que acontece também é que num país...

Tarso — Mas existe um clima de tensão, né? Você manda a música prá censura e fica com tensão, porque eu já vi você diversas vezes esperando resposta de Brasília, feito um louco. Com o advogado indo e vindo e não sei o quê?

CHICO — Claro, eu curto. Cada disco que você faz é a coisa mais importante. Tudo é a censura. Em seguida vem arranjo, estúdio, enfim, a coisa. A cabeça está pensando nisso. Você quer lançar o disco tal dia, não sei o quê. Aí tem que gravar às vezes mais músicas, já pensando que pode ser censurado, entende? E tanto faz fazer show quanto gravar disco é um trabalho, hoje em dia, que desgasta muito o artista, porque tem essa ameaça constante da censura sem parar. Estou cansado de fazer show e quase não estou fazendo. Os poucos que eu vou fazer, na hora, têm problema de polícia, de censura, do diabo.

Tarso — Agora, isso de você evitar show é um negócio mais pessoal do que de censura ou a censura tem uma influência grande nisso?

CHICO — Não. Eu nunca vou dar esse gostinho à censura. Dizer que eu parei de fazer show por causa de problema de censura. Se bem que é, realmente, uma barra pesada. Sempre, em qualquer lugar que se vai, volta e meia, há intimação, gente no camarim, policial, aquela coisa, é um negócio muito chato. Mas não é por isso que eu dei essa parada, não.

Tarso — Eu já vi, várias vezes, dentro de um camarim seu a censura ir levar solidariedade. Quer dizer, ninguém tem culpa na censura, você não acha estranho isso?

CHICO — É, eles estão sempre. Mas essa é a história do “você não gosta de mim e sua filha gosta”. É claro que existe também, né? Eu já fui detido em casa, por um sujeito que no elevador pediu autógrafa prá filha. Isso acontece sem parar, né? Mas isso é inclusive a proteção que a gente tem.

Tarso — No seu último disco, “Meus Caros Amigos”, que estourou mesmo foi o “Que Será?”, né? O pessoal do exterior, o Paulo Francis mesmo falou que quando ouviu a música se debulhou em lágrimas, e tudo. Imagine o Paulo Francis debulhando em lágrimas e tendo que tirar os óculos (risos). Como é a origem dessa parceria com o Milton? De repente deu certo o jogo de vozes de vocês, porque a Gal ia gravar essa música. Como é que começou mesmo essa história?

CHICO — Isso começou muito por acaso. O problema é que a gravação era pro filme. E, na época, o diretor estava achando que não devia ser uma mulher a cantar. No fim, acabou sendo mulher. Na época, a idéia era para ser a Gal. Mas daí ele achou que talvez, problema de Gabriela e o problema de não parecer que era Dona Flor que estava cantando e queria, bom, queria uma voz de homem.

Tarso — Estranho, né? A Sônia Braga não tem nada a ver com Gabriela.

CHICO — Aí, o Milton apareceu no estúdio. Eu estava com o Francis, o Francis estava tocando piano e tal e aí ele se ligou na hora na música. O Milton, quando quer uma coisa, consegue. Haja visto esse show que ele levou em Três Pontas, cada um viajando 15 horas de carro, prá chegar lá e foi todo o mundo. Aí a gente se apaixonou pela idéia na hora, o Francis e eu. Nós estávamos fazendo o arranjo e ficou sendo o Milton. Aí houve outros problemas com relação ao filme. No fim a Simone gravou para o filme e a gente fez pro disco e o disco dele.

Tarso — Como é esse compacto que vocês vão lançar agora?

CHICO — A gente resolveu fazer música junto. Ele tinha umas três músicas e eu pus letras em duas delas. Agora a gente vai gravar. Mas há um problema: ele é de uma gravadora e eu sou de outra. Assim, resolvemos produzir esse disco, pagar estúdio, pagar o que tiver que pagar e tal e depois ver como é que eles se entendem, a Odeon e a Philips. Vão ter que se entender de alguma maneira e o disco vai sair.

Tarso — Como é o tratamento, as gravadoras exercem uma ditadura próxima do que os direitos autorais exerciam com os compositores?

CHICO — O problema mais sério das gravadoras é com os cantores de vendagem média e pequena. É evidente que a gente que goza de situação privilegiada lá dentro tem uma série de regalias e não tem muito esse problema. Tanto que a gravação do “Que Será” foi resolvida e essa vai ser resolvida também. Então, não é aí exatamente que você deve procurar o problema do relacionamento entre o artista e a gravadora.

Tarso — Mas, por exemplo, o que você gravou na RGE, não pode gravar noutra companhia nunca.

CHICO — Isso é outra coisa. Eles praticamente, ficam donos da música, durante algum tempo, 10 ou 15 anos, uma coisa assim. Mas isso aí também é aquele negócio que eu estava falando também. Eu não tenho muito interesse pelo que já foi feito. Eu deveria estar preocupado aí porque é um negócio fora do natural, eu não ser dono das coisas que eu fiz, entende? Agora, eu também guardo, assim como não guardo revistas, recortes e tal, eu também não estou preocupado com as músicas que eu gravei há 10 anos atrás.



...na homenagem deste ano em Três Pontas.